



APRESENTAÇÃO / PRESENTATION

Os Editores

Este fascículo temático, sob o título de “Modernidade (in)viável”, oferece uma leitura mais crítica da modernidade. Por modernidade inviável compreende-se o modo como o mundo moderno contemporâneo tem se posicionado diante dos grandes problemas que ele mesmo provocou. Como a formulação do título mostra, usando “(in)”, trata-se de uma realidade carregada de ambiguidades e situações paradoxais. À luz da teologia, são destacadas suas dificuldades, mas, também, as perspectivas positivas que proporciona para o desenvolvimento do ser humano e da sociedade em seus múltiplos âmbitos. A análise teológica de vários elementos que formam o mosaico desse período histórico, leva à indicação de possíveis vias de compromisso com a humanização em sentido pleno, que inclui o cuidado com a “casa comum”.

Iniciando a seção temática, Pedro Trigo, em “Modernidad inviable”, mostra como existem duas maneiras básicas de compreender e de viver a modernidade. A primeira se caracteriza pela imposição dos mais fortes. A segunda, pelas individualidades criativas e solidárias, pela luta em prol da democratização e pelo triunfo da justiça e da dignidade humana. Em face ao processo de mudanças, característico da modernidade, o cristianismo, representado pela Igreja católica, posicionou-se, primeiramente, de modo reacionário. No entanto, com o advento do Concílio Vaticano II, assumiu aquilo que contribuía para o reconhecimento da dignidade humana, dando atenção à historicidade do ser humano e à relevância da ação dos cristãos, das instituições e das estruturas. Na América Latina, uma marca positiva da modernidade, pela via da Ilustração, expressa-se na opção pelo desenvolvimento de todos os seres humanos, com privilégio teológico para os pobres.

“Modernidade inviável...?”, de Eugênio Rivas e Luiz Carlos Sureki, reflete sobre a complexidade do tema “modernidade” à luz do pensamento do filósofo canadense Charles Taylor, com sua distinção entre as teorias culturais e as teorias aculturais da modernidade. Ressalta-se a tendência

acultural, presente na maioria das abordagens atuais, que tendem a tomar, de modo natural e aproblemático, o processo de modernização ocorrido na cultura ocidental e a universalizá-lo. Assim, foram valorizadas as mono-narrativas que definem o novo da modernidade mais por aquilo que foi negado e deixado para trás do que pelas perspectivas positivas abertas por ela. Os autores destacam a importância teológica das “modernidades alternativas” para uma teologia pastoral mais condizente com o espírito que deveria alimentar uma “Igreja-em-saída”, como propõe o Papa Francisco.

Manfredo Araújo de Oliveira, em “O desafio da modernidade à filosofia”, apresenta um panorama global desse período e seus desafios ao pensar filosófico, com base na visão de pensadores atuais. A partir das mudanças geradas pelos avanços da modernidade científica, confronta o leitor com a questão antropológica fundamental de hoje: como compreender o ser humano, ser de liberdade, em face da visão que o pensa capaz de instrumentalizar a realidade, em todas as dimensões, a ponto de poder, tecnicamente, produzir o “novo homem” e, instrumentalmente, controlar seu futuro? O autor alude à metafísica fisicalista que se distancia da concepção filosófica da tradição. Ao mesmo tempo em que articula um pensamento sobre o conjunto da realidade, a metafísica fisicalista reduz o conhecimento ao âmbito fenomenológico. A tal proposta, contrapõe a Metafísica Primordial que assume o desafio de superar as “metafísicas alternativas” e repensar as conquistas e os riscos da modernidade filosófica.

Nenhuma interpretação da modernidade pode desconsiderar o Capitalismo. Essa é a premissa de Élio Gasda, em “Essa economia mata (EG, n. 53): crítica teológica do capitalismo inviável”. A Economia Política de Mercado, inaugurada na Revolução Industrial, provocou uma grande transformação em todas as esferas da sociedade (Karl Polanyi). A abordagem crítica de seus elementos essenciais revela sua inviabilidade. A análise desemboca em uma afirmação teológica: trata-se de um sistema alicerçado no pecado! Como denuncia o Papa Francisco, “os interesses do mercado divinizado são transformados em regra absoluta” (EG, n. 54). A idolatria do capital, inerente à sua natureza, bem como suas estruturas e seus mecanismos perversos comprovam a incompatibilidade entre Cristianismo e Capitalismo.

Emilce Cuda, iniciando a seção dos artigos gerais, propõe uma reflexão sobre o tema “Francisco y la teologia de la cultura: discernimiento sobre violencia-misericordia en la modernidad postsecular”. A autora faz uma leitura interdisciplinar do programa pastoral do Papa Francisco, relacionando contribuições da comunicação moderna, da moral e dos estudos bíblicos. Sua chave de leitura teológica é o binômio violência-misericórdia, como base do discernimento teológico. Para ela, o pensamento teológico

pastoral de Francisco, enraizado na Teologia do Povo ou na Teologia da Cultura, concretizado sobretudo na Exortação apostólica *Evangelii gaudium*, constitui uma resposta aos desafios da cultura pós-moderna à evangelização. A teologia, por sua vez, recorrendo às ciências humanas e sociais, deve contribuir para que o povo pobre exerça o *sensus fidei* que lhe garante a capacidade de discernimento, em sua busca de libertação e plena salvação.

Rudolf von Sinner, em “Quem está no comando?”, aborda o clássico tema da relação entre corpo e alma, à luz de alguns trabalhos do médico psiquiatra Joachim Bauer e do sociólogo Hartmut Rosa. Essa temática insere-se na discussão da relação entre cérebro e mente, e pode ser resumida assim: quem está no comando do cérebro? “Eu”, minha mente, aqui tida como equivalente à alma dotada de liberdade, ou, em terceira pessoa, “ele mesmo”, o próprio cérebro, numa visão neurocientífica determinista? O texto trata da condição humana como liberdade precária que não se manifesta totalmente, por ser tolhida por um conjunto de determinismos bioquímicos. Nesse quadro, o indivíduo desenvolve suas relações consigo mesmo, com os demais, com o mundo e com Deus. O conceito de ressonância, compreendido como o cuidado mútuo entre as pessoas, é considerado de modo particular.

O objeto de reflexão da teóloga chilena Kreti Sanhueza Vidal é “La teología y el ámbito público”. Situando-se no campo da Teologia Pastoral ou Teologia Prática, apresenta a teologia como reflexão da fé cristã na sociedade, o âmbito público, e sua contribuição no debate público em torno da construção do bem comum. Evocando alguns autores, mostra em que consiste o “âmbito público” e os elementos teológico-cristológicos que definem a atuação da teologia nesse espaço, evocando a atividade pública de Jesus ao anunciar o Reino de Deus. A teologia, enquanto expressão racional da fé cristã, na busca do bem comum, se empenha para que o bem de todos e de cada um dos cidadãos se mantenha como o impulso fundamental da convivência humana.

O estado intermediário, situação pós-mortal, que subsiste entre a morte e a ressurreição, é objeto do estudo de Renato Alves de Oliveira, intitulado “Ressurreição na morte ou no ‘último dia’?: o estado intermediário no debate escatológico do século XX”. Trata-se de um tema que ocupou o debate sobre a escatologia cristã do século XX, a partir da crítica de teólogos católicos e protestantes à chamada escatologia intermediária (purgatório, existência da alma separada do corpo), fruto da helenização da fé cristã. O desafio consiste em des-helenizar a fé cristã, por uma volta às fontes bíblicas, para se compreender a escatologia cristã (ressurreição, parusia, juízo) como evento que se dá no momento da morte. O autor faz um balanço do inteiro debate, identificando um veio irrenunciável para a teologia cristã: a afirmação de um princípio espiritual, subsistente

entre morte e ressurreição, que garante a continuidade e a identidade do sujeito.

A teóloga Mercedes García Bachmann trata da relevância teológica das hermenêuticas de gênero e feministas. Em “Una ¿innecesaria? reflexión sobre la importancia de la lectura de género para una Iglesia más inclusiva y un mundo más justo”, sustenta que é preciso colocar em funcionamento teórico e prático, na família, na sociedade e na Igreja, uma nova visão da desafiante questão de gênero. Esta argumentação baseia-se na análise da eclesiologia e da antropologia inclusivas, bem como da leitura de alguns textos bíblicos, desde a ótica de gênero. Uma Igreja menos hierárquica e mais inclusiva será uma Igreja mais humana e divina. O estudo constata “que se tem escrito muita teologia bíblica feminista, porém falta dar-lhe o lugar merecido no diálogo acadêmico (e para não mencionar a pastoral), para que a Igreja se assemelhe um pouco mais à sua Cabeça”.

A seção bibliográfica oferece uma resenha e uma nota bibliográfica. Cássio Murilo Dias da Silva recenseia o terceiro volume do *Novum Testamentum Graecum: Editio Critica Maior* (ECM) e Luiz Carlos Sureki apresenta a obra de Russell Heidi, *The Source of All Love: Catholicity and the Trinity*.

Concluimos 2017, oferecendo aos nossos leitores e leitoras uma relevante seleção de artigos teológicos. Desejamos que sua leitura atenta desencadeie reflexões que estimulem o intercâmbio acadêmico e enriqueça o cenário teológico, eclesial e social, num momento em que a volta aos fundamentos da fé se torna um imperativo.